

O ESTAFETA

ÓRGÃO DA FUNDAÇÃO CHRISTIANO ROSA

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

PIQUETE, JANEIRO/2016 - ANO XVIII - Nº 228

EDITORIAL

A maior parte das notícias que nos chegam tratam de calamidades e infortúnios. A mídia invade nossas casas e despeja em nossas salas as mazelas da humanidade: corrupção, assassinatos, acidentes, devastações ambientais, doenças, guerras e injustiças. Passa a ideia de que nada de bom acontece no mundo e que não há mais solução.

Vivemos em meio a um turbilhão de escândalos. Por trás desses problemas, evidencia-se a corrupção como a mãe de todos. Infiltrada em todos os setores da sociedade, a cada dia novas denúncias aparecem. Parece não ter fim a prática de se desviar recursos públicos. No Brasil, a questão da corrupção é ainda maior e mais profunda em função da impunidade. Apenas parte dos casos é descoberta e vem a público. A maioria fica escondida nas entranhas públicas. Convive-se com as corrupções política, de servidores e de cidadãos desonestos. Em todas elas há sempre os dois lados: um corrompendo e outro sendo corrompido. É nítido que a máquina pública brasileira está comprometida. Ouvimos sempre histórias sobre a “tal corrupção”. Agora, ao vivo e em cores, essas histórias vêm sendo escancaradas. Na esfera política, houve, e há, muito apadrinhamento, com a desculpa de se manter a governabilidade. Não importam os interesses da sociedade, desde que os interesses pessoais e partidários sejam atendidos. Em função disso vem a briga pela distribuição de cargos públicos, comissionamentos e outras benesses.

Recentemente, a Operação Lava Jato vem desvendando este escândalo de corrupção que tem se mostrado o maior já visto nesse país. Nela, políticos e grandes empresários acima de qualquer suspeita sujaram suas mãos se corrompendo e desviando fortunas incalculáveis dos cofres públicos. Até bem pouco tempo atrás, esses personagens não seriam punidos. Fiavam-se na condição de estar blindados em função de seu poder ou da proximidade com ele. A Operação Lava Jato veio dar um alento às pessoas de bem. Hoje, esses políticos e “poderosos” amargam um espaço mínimo em celas de cadeia.

O Ministério Público Federal vem se empenhando numa campanha que busca atingir 1,5 milhão de assinaturas visando a dar origem a um Projeto de Lei de iniciativa popular que versa sobre dez medidas de combate à corrupção. Se você fica indignado com falta de ética, irregularidades e desonestidades em atividades do dia a dia, você é um importante aliado do MP no combate à corrupção.



A irreverência e a descontração fazem parte do Carnaval brasileiro e o diferenciam dos demais existentes mundo a fora. Aproveitemos o Carnaval com alegria, saúde, segurança e respeito ao próximo, ao patrimônio público e ao meio ambiente! Na foto, foliões no Carnaval de 1948, em Piquete.

Divirta-se! É Carnaval!

Aproxima-se o Carnaval. A palavra de ordem é diversão. Para os apaixonados pelos folguedos de Momo uma ansiedade gostosa antecipa a folia. Divertir-se é muito bom. Não há quem não goste. A diversão revigora as nossas forças e, quando realizada de maneira coletiva, nos torna mais generosos e sociáveis. O ócio proporcionado por esses três dias de folia é educativo quando bem vivido. Após longos períodos de trabalho, é preciso um tempo para descanso. Não podemos ficar presos só ao trabalho e às tensões do cotidiano. É preciso reservar um tempo para as diversões, jogos e festas, nos quais se busca o prazer que nos faz descansar e nos revigora. Logicamente, esses jogos, festas e diversões deverão ser dentro de limites, sem se perder o senso da razão e do respeito.

Quando o samba e as marchinhas típicas começam a tocar, é difícil ficar parado. Com tantas opções de entretenimento e o clima de folia no ar, são comuns os excessos. Para muitos, brincar o Carnaval é extrapolar limites. Tudo pode, tudo é permitido. No entanto, o respeito para consigo e para o outro é a tônica da boa diversão.

Os principais perigos dessa época estão relacionados ao consumo excessivo de álcool e drogas ilícitas, e ao comportamento irresponsável que concorre para o aumento de acidentes, causados em grande parte por

motoristas embriagados, e agressões físicas. Assustam os foliões e pessoas de bem a violência e toda manifestação de desinteligência, que causam medo e insegurança, afastando as pessoas. Nesse período, o álcool passa a ser um péssimo companheiro. Muitos, desajuizados, sem motivo algum, bebem excessivamente, pelo simples prazer de beber. Conseguem, assim, estragar o seu Carnaval e o dos outros...

A sociedade não deve se corromper com os que não levam a sério o respeito ao próximo. No Brasil, considerado o “país do Carnaval”, devemos dar bom exemplo e mostrar o que temos de melhor em divertimento e cultura popular: o gingado característico, a diversidade, a espontaneidade e a alegria de nos divertirmos e de recebermos visitantes de braços abertos.

Não se pode considerar o Carnaval como sendo um período perigoso para quem tem atitudes cidadãs, respeito a si mesmo e às pessoas que o cercam. Com consciência e responsabilidade podemos aproveitar plenamente esse feriado e ainda garantir que a saúde esteja em dia na Quarta-Feira de Cinzas. Portanto, aproveitemos o Carnaval com alegria, saúde, segurança, respeito ao próximo, ao patrimônio público e ao meio ambiente. Evitamos, assim, possíveis contratempos ante as autoridades e a sociedade.

Bom Carnaval a todos!

Imagem - Memória

Fotos Arquivo Pró-Memória



Iaiá Boneca pelo Grupo A.R.T.E. de Piquete

Em 1957, no Cine Estrela do Norte, foi encenada pelo grupo A.R.T.E., de Piquete, a peça teatral Iaiá Boneca. A apresentação foi um sucesso estrondoso: arrebatou a plateia que, juntamente com o autor do texto, o dramaturgo Ernani Fornari, também presente àquela noite memorável, aplaudira em pé o espetáculo.

O grupo A.R.T.E. – Artistas Reunidos do Teatro Experimental –, surgiu naquele ano após uma conversa entre a professora Nely Quadrado e o Major Alberto Lessa Bastos, no Casino da Estrela.

Patrocinado pela FPV, Iaiá Boneca teve produção de Lessa Bastos e direção geral e artística da professora Nely Quadrado. Integravam o elenco Mirthes Mazza, June Martins, Dinah Encarnação, César Damico, Damas Sobrinho, Alberto Lessa, Reginato Carvalho, Oswaldo Peixoto, Suely Teixeira, Wilson Vilar e Nino Soares.

Iaiá Boneca, peça em 4 atos, foi apresentada pela primeira vez em 1938, no Rio de Janeiro. Ernani Fornari, o autor, encontrou uma solução interessante ao conciliar uma trama amorosa tradicional, enfocando a vida privada de uma família da década de 1840, com um pano de fundo histórico – a campanha pela maioria de D. Pedro II. A montagem carioca, sob direção de Oduvaldo Vianna, teve boa acolhida pelo exigente público da capital federal e o mesmo sucesso se repetiu com a montagem piquetense, como pode ser confirmado pela imprensa e constatado por Ernani Fornari. O grupo A.R.T.E. apresentou-se em diversas cidades valeparaibanas e sul-mineiras, tendo sido

registrados em jornais da região inúmeros elogios da crítica especializada.

Em 23 de novembro de 1957, Iaiá Boneca foi encenada no anfiteatro do Ginásio São Joaquim, de Lorena. O jornal “A Tribuna”, de Taubaté, na edição do dia 29, reservou um espaço para uma análise crítica dessa montagem. Registrou que o espetáculo “foi primoroso e agradou em cheio à plateia, mau grado a peça seja longa demais e o primeiro ato – o mais extenso – um tanto convencional. Mas a peça vai ganhando intensidade a partir do segundo ato, êxito para o qual muito colaborou uma técnica precisa de marcação exata, com passagens de cenas muito significativas. O quadro final apresenta uma linguagem lírica agradável, que emociona a todo o público, principalmente devido ao desempenho do intérprete do negrinho Cristino: cumpre ressaltar o desempenho de Mirthes Mazza, Alberto Lessa e César Damico, embora todos os demais estivessem em bom nível artístico. A atuação da jovem Mirthes Mazza, no papel de Iaiá Boneca, assinala o auspicioso aparecimento de uma decidida vocação artística, que, se não for apagada pela falta de oportunidade ou pelo convencionalismo, dará com maior treino e preparação cultural, uma excelente atriz. Alberto Lessa faz um Conselheiro sóbrio, equilibrado e centralizador, num papel que, interpretado por artista de menor talento, acabaria fatalmente em ridículo; por isso mesmo seu desempenho foi aplaudido com entusiasmo. César Damico fez o moleque Cristino com vivacidade e desembaraço; numa das cenas dramáticas conseguiu

dar a exata inflexão de voz e domínio de cena para brindar o público com a maior emoção do espetáculo, na cena em que o moleque fujão, vencido pela saudade de sua Sinhá, é preso e lhe traz um pacote de carrapichos”.

Os efeitos musicais e orfeônicos conduzidos pelo professor Lauro agradaram a todos, bem como o cenário, a iluminação, os figurinos, os efeitos especiais...

Ainda segundo o artigo de “A Tribuna”, “o que se sobressaía no espetáculo eram a firmeza e o acerto da condução que Nely Quadrado deu ao grupo. Sentia-se a regência de um diretor experimentado na marcação, na transposição das cenas e nas mímicas. A excelente apresentação foi uma contribuição à cultura teatral teria sido a apresentação desse trabalho em todas as cidades da região”. Enfim, o grupo A.R.T.E. produziu noitadas do mais puro teatro, nada ficando a dever aos melhores grupos profissionais que percorriam o interior à época.

O ESTAFETA

Fundado em fevereiro / 1997

Diretor Geral:

Antônio Carlos Monteiro Chaves

Jornalista Responsável:

Rosi Masiero - Mtd-20.925-86

Revisor:

Francisco Máximo Ferreira Netto

Redação:

Rua Professor Luiz de Castro Pinto, 22

Tels.: (12) 3156-1207

Correspondência:

Caixa Postal nº 10 - Piquete SP

Editoração:

Marcos R. Rodrigues Ramos

Laurentino Gonçalves Dias Jr.

Tiragem: 1000 exemplares

A Redação não se responsabiliza pelos artigos assinados.

GENTE DA CIDADE

Ângela Giffôni

Ângela Rosa Giffôni de Castro Ferreira foi das mais atuantes primeiras-damas a ocupar essa função no município. Casada com o ex-prefeito José Armando de Castro Ferreira, ela sempre trabalhou e continua atuando em causas sociais e educacionais. Nascida em Piquete, em 19 de maio de 1942, é filha de Geraldo Giffôni e Ana Mendes. Pautou sua vida na arte de ensinar.

Ângela iniciou seus estudos no Grupo Escolar da Fábrica, cursando, em seguida, o Ginásio da FPV e a Escola Normal Livre Duque de Caxias – todas escolas pertencentes ao Departamento Educacional da FPV –, onde se bacharelou professora primária em 1960. Frequentou, ainda nesta modelar casa de ensino, por mais dois anos, o Curso de Aperfeiçoamento. Começou, então, sua vida no Magistério.

Continuando os estudos, licenciou-se em Pedagogia pela Faculdade de Filosofia Ciências e Letras, de Lorena, em 1967, Estudos Sociais, pela Universidade de Mogi das Cruzes, em 1974, e Orientação Educacional pela Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Taubaté. Exerceu o magistério como professora da rede pública estadual de 1961 a 1986. Designada em 1983 para trabalhar na Delegacia Regional de Educação, em São José dos Campos, fez parte da equipe técnica de Supervisão Pedagógica, assistindo às escolas vinculadas a essa Delegacia. De convivência fácil, a professora Ângela fez muitas amizades ao longo de sua vida profissional. Todos que com ela conviveram são unânimes em testemunhar sua competência técnica, sua responsabilidade e paixão pela profissão. Sua educação e fineza no trato com as pessoas é uma marca. Toda sua vida pública foi pautada nos princípios da ética, do bom senso, do diálogo, do equilíbrio e da operosidade. Do marido, o também professor José Armando, sempre recebeu apoio incondicional em todos os seus trabalhos. No período em que este ocupou o cargo de prefeito municipal de Piquete – janeiro de 1977 a dezembro de 1982 – ela desenvolveu trabalho meritório à frente do Fundo Social de Solidariedade. Promoveu inúmeras ações voltadas não só para a assistência social, mas, também, para a educação e cultura. Foi uma fase profícua de sua vida e de muito



trabalho, como a Festa do Tropeiro, que ainda hoje é ansiosamente aguardada pela população no mês de julho. Todos os eventos criados nesse período tiveram caráter popular. Contaram com apoio e orientação da professora, escritora e pesquisadora do folclore, Ruth Guimarães. Foram resgatadas nossas festas tradicionais, usos e costumes e diversas manifestações folclóricas. Assim, em agosto de 1979, em parceria com o MOBRAL, aconteceu a I Semana do Folclore. Foi um sucesso: palestras, jongo, catira, boi de jacá, congada e moçambique, quadrilhas, folia de reis, tropas e tropeiros, muita música sertaneja, além da corporação musical piquetense, tudo acompanhado de comidas típicas e exposição e venda de artesanato regional. Ainda nesse ano promoveu a I Olimpíada Estudantil, em outubro, e a I Semana da Cultura de Piquete. Todos esses trabalhos contaram com a participação maciça das escolas do município e das entidades sociais. Em junho de 1981, na Semana do Município, aconteceu a I Feira da Solidariedade, com barracas típicas administradas pela Rede Feminina de Combate ao Câncer, Casa da Amizade, Creche Sorriso, APAE e Professorandos.

A professora Ângela tributa o sucesso de todos esses eventos ao apoio incondicional do vice-prefeito Jorge Jofre. Reforça a importância do trabalho em equipe quando bem conduzido. Hoje aposentada, além de curtir o marido, as filhas Ana Maria, Ana Cláudia e Ana Cristina e os quatro netos, participa dos encontros da APAPI e colabora com a Liga Feminina de Combate ao Câncer, entidade com que todos deveriam colaborar.

“Mas os bebês fazem o quê no berçário, heim?”

Laura Chaves

“Mas os bebês fazem o quê no berçário, heim?”

O título deste texto tomei emprestado do título da dissertação, defendida em 2013, por Paulo Sérgio Fochi, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. O estudo traz grandes contribuições para a discussão da finalidade da Educação Infantil. Cabe lembrar que a oferta dessa etapa da Educação Básica é incumbência do Poder Público Municipal.

O estudo revela que o tempo de permanência dos bebês nos espaços coletivos (creches e escolas) vem aumentando significativamente: 12 horas diárias, 5 dias por semana, 11 meses por ano. Isso, em seis anos de vida, corresponde a 30% da vida da criança.

Diante desse quadro, questiona o autor: – O que implica, então, acolher uma criança pequena na escola? – O que é educar crianças tão pequenas nas instituições coletivas? Eu acrescento: a família estaria transferindo seu papel às instituições? O Estado está assumindo a função da família? Quais as consequências dessa nova dinâmica social?

Para responder aos dois primeiros questionamentos (os demais ficam para uma próxima oportunidade), é preciso que se considerem alguns aspectos: na faixa etária do zero aos seis anos, a criança tem potenciais desenvolvimental e de aprendizagem muito grandes e necessita ser trabalhada tanto nos aspectos relativos aos cuidados básicos, como nos aspectos educativos, emocionais e sociais. A instituição educacional será capaz de cumprir plenamente essa missão?

Não se sabe ainda... Essa é, com certeza, uma pergunta sem resposta. Mas podemos inferir, a partir de alguns estudos, que o bebê é um ser dinâmico e que chega à creche comunicando-se e explorando o mundo. Assim, espera-se que o docente se interesse em observar os processos de exploração dos bebês a partir deles mesmos e que seja capaz de criar e manter as condições favoráveis ao desenvolvimento das crianças. Não é tarefa para qualquer um! É tarefa para docentes comprometidos e estudiosos da infância.



Ângela e as companheiras da Liga Feminina de Combate ao Câncer

As Guerras Mundiais

Os Estados capitalistas, particularmente os grandes, com perspectiva de formação imperialista, registram uma considerável expansão da vida econômica gerando conflitos nessa área. Conflitos que foram estendidos aos conflitos políticos e estimularam o militarismo e a indústria bélica. Entre os finais do século 19 e inícios do 20, essas forças tornaram evidentes as rivalidades pelos mercados mundiais, primordialmente os fornecedores de matérias primas e consumidores de manufaturas.

A disputa dos mercados levou igualmente à disputa dos territórios. Assim, as guerras são inerentes à natureza do capitalismo e deram por resultado a crise da expansão colonialista e dos mercados.

Dois guerras mundiais abrem o capítulo sobre os eventos que marcaram os conflitos arrastados por todo o século 20 e suas consequências. Seriam as guerras necessárias? É a questão enfrentada pelos historiadores ocupados com as marcas por elas demonstradas e deixadas por herança.

A I Grande Guerra (1914-1918) foi exemplarmente estudada pelo historiador A.J.P. Taylor, em 1963, e tornou-se trabalho paradigmático. Para ele, segundo Niall Ferguson, em “O Horror da Guerra” (Planeta, 2014), em tradução, “A guerra foi um modelo de insensatez e futilidade” e “um fim em si mesma”. Dessa forma, Taylor propõe um estudo crítico do evento bélico.

Muitos livros foram publicados agora, (2014) cem anos após o início do evento. Nas análises dos historiadores encontramos uma divisão dos pontos de vista sobre a importância do primeiro grande conflito bélico mundial.

Há um grupo dado como minoritário que atribui à eclosão da guerra a manifestação de um mal. Outros a admitem não sem sentido, pois se teve um lado perverso, foi um “mal necessário”.

A Europa Ocidental agitava-se, particularmente a Grã-Bretanha e a França, contra a ascensão da Alemanha como nação capitalista ameaçando a disputa colonial e o movimento de mercadorias.

As grandes navegações – portuguesa e espanhola – haviam aberto o caminho do Atlântico na busca dos Continentes Americano e Africano, e o espaço mundial passou a ser dividido. A “descoberta” de novas terras introduzindo o novo sistema co-



lonial era o símbolo do domínio europeu com força, lutas e imposição de um modelo que se sustentava na exploração das riquezas naturais e na escravidão.

Os especialistas nos estudos da 1ª Guerra acharam-na horrível, mas inevitável. A corrida armamentista que a precedeu, a insegurança e o medo paralelamente criaram condições para torná-la inevitável. Conclusão a que chegou Niall Ferguson apoiado em outros historiadores. Bem, estando pronto o estopim, a guerra estourou.

Segundo analistas de conflitos bélicos, até hoje a primeira Guerra Mundial assusta e fascina na mesma medida. Batalhas sangrentas tornaram os campos de lutas situados na chamada Frente Ocidental famosos como o de Ypres, na Bélgica, e Somme e Verdun, no norte da França. Foi nessa guerra que se iniciaram os ataques aéreos e submarinos. Duas conquistas notáveis do belicismo.

Os grandes imperialistas da época, França, Grã-Bretanha e Alemanha, disputavam a hegemonia do poder bélico e a força da tecnologia armamentista. Grandes nomes se projetaram como combatentes e suas biografias enriquecem as obras históricas dos relatos do evento. Provocam debates e celeumas. São levantadas polêmicas quanto aos líderes militares Foch, French, Joffre e outros, cujas atuações marcantes se destacaram nas frentes de batalhas por suas táticas e estratégias.

Quanto ao início da guerra, já não eram necessários motivos para o seu desencadeamento. Apenas um estopim bastava. E este foi dado pelo assassinato do arquiduque Francisco Ferdinando e esposa, (28 de junho de 1914), herdeiros do trono austro-húngaro, em Sarajevo, capital da província da Bósnia-Herzegovina, então recentemente anexada pela Áustria. Assassinato a tiros pelo jovem revolucionário Gravilo Princip.

Um mês depois, Viena declarou guerra à Sérvia como responsável pelo atentado. Não demorou para que a beligerância se implantasse nos principais países da Europa. A motivação da guerra foi dada pela rivalidade dos Estados Balcânicos, e a Sérvia, como um deles, foi apoiada pela Rússia, enquanto a Áustria em oposição se arriscou a ir à guerra contando com o apoio da Alemanha. Por sua vez, a Rússia teve o alinhamento da França,

enquanto a Grã-Bretanha, se posicionando contra o ataque da Alemanha à Bélgica, apoiou os lados russo e francês. A chamada Tríplice Entente formada pela Rússia, França e Grã-Bretanha recebeu a adesão do Japão. A guerra prometia se alastrar além fronteiras da Europa tendo como aliados também os E.U.A, em 1917, quando a guerra se encaminhava para o final, com a vitória desse lado sobre a Alemanha e a Áustria. Nessa época (1917) se deu a Revolução Russa com a derrubada do czar Nicolau II, e se implantou o socialismo na Rússia. Entre apoios e dissidências, a 1ª Guerra tomou corpo entre 1914 e 1918. O mundo estava em turbulência.

Afinal, essa terrível guerra se processou celebrizada pela tática das trincheiras – experiência extremamente pungente no capítulo das mortes. Abrir trincheiras na lama, na batalha do Somme e nas fronteiras entre a França e a Bélgica, foi uma experiência dolorosa. Ali morreram muitos jovens franceses, ingleses e irlandeses, estes engajados nas forças armadas inglesas; e destes, belas páginas literárias revivem, na Irlanda, uma epopeia romântica, motivação de lutas pela independência irlandesa, sob domínio britânico.

Antecedida pela Belle Époque do final do século 19, a 1ª Guerra Mundial, que somatiza as crises que a antecederam. Atestados de mundo em acelerada mudança, a anunciar novos tempos, os tempos turbulentos que marcaram o século 20, e que também encontram eco em nosso tempo. Avaliar as consequências desse primeiro grande conflito armado nos dá a dimensão das aspirações, conflitos e frustrações da proposta democrática como escolha mais segura do futuro espelhado no presente.

Dóli de Castro Ferreira



Meu primeiro voo

Primeiramente voei muito no meu aviãozinho de lata cor de abóbora. Na cozinha do avô Maximiano e enquanto Marcelina cozinava, eu fazia o aviãozinho voar e dizia a ela: estou indo pelo mundo a fora.

Fazia voltas e mais voltas, e o aviãozinho lampeiro dava mergulhos, subia e descia velozmente. Era um a jato antes dos jatos surgirem. Sentava-me na barriga do avião, ou, pelo menos, sentia-me assim, lá dentro, olhando o mundo lá fora. Feliz e sorridente.

Dizia para Marcelina: – No meu aviãozinho voo bem mais alto do que as montanhas que me cercam. As nossas belas montanhas que, desde cedo, aprendi a admirar, mas queria transpor para ver o lado de lá. Imaginem voar sobre elas! Ver do alto os vales e a cidade que acompanhava o eixo da bacia hidrográfica e as pequenas casas. Naquela época, seria mais um desenho caprichoso da natureza. Depois, conseguiria aprender seus significados, o trabalho

erosivo que os construíra, as montanhas, os vales e os circuitos das águas delineando a ocupação humana e dando origem ao aglomerado depois cidade. Entretanto, era o pequeno avião que me sugeria as possibilidades da descoberta e o encanto em poder decifrá-la à luz do conhecimento científico.

Por enquanto, no limite do sonho, minha imaginação voava. Sentia que esta se isentava da chamada realidade que, para mim, era apenas o caixote de brinquedos, no qual era mantida a orientação de usá-los à vontade, mas guardá-los quando o interesse se esgotava, para fazer outras coisas. Atender as necessidades e os percursos, os quais, na minha idade, eram reconhecidos como tais. No mais, era correr pelas ruas, incansável, subindo e descendo morros, observando detalhes, sempre com curiosidade, ansiedade e busca. Do que ainda sabia bem. Até que um dia...

Dóli de Castro Ferreira

Vamos conhecer Piquete e aprender a amá-la!

Piquete chega a 2016 com as obras de reforma e readequação dos prédios do Elefante Branco e do Cine Estrela em pleno andamento... Havia muito piquetenses que amam a cidade clamavam pela recuperação desses imóveis, símbolos da cultura e memória viva da história de nossa cidade.

Piquete celebrará 125 anos de emancipação político-administrativo no próximo mês de junho. É jovem, mas experiente: sua história conta capítulos que orgulha os que aqui nasceram e/ou viveram. Não se vive do passado, diz um sábio ditado. Mas o passado é essencial para fortalecer o sentimento de pertencimento e fazer brotar desse sentimento o amor pela cidade. Com base na avaliação do passado, da história, erros são evitados no presente e no futuro.

Acredito que, a fim de retomar seu protagonismo, Piquete merece ser mais respeitada, tal como a respeitam os “mais velhos”. Os “mais jovens” reclamam falta de oportunidades de estudo, trabalho, diversão. Veem apenas o lado ruim e não se preocupam em identificar o lado bom: companheirismo, tranquilidade ainda significativa, qualidade do ar e natureza exuberante em nossa zona rural são exemplos... Também quem não viveu a “época de ouro” da Fábrica Presidente Vargas não a reconhece como essencial. Esquecem-se de que ela ainda é fonte do pão de cada dia de cerca de trezentos empregos diretos, ou seja, trezentas famílias, o que representa em torno de 1200 pessoas – quase dez por cento de nossa população!



É aí, na história, penso eu, que está a fonte de tanta admiração pelos imóveis da Praça Duque de Caxias – a Pracinha. É aí o cerne da ânsia de parte da população pelo resgate de imóveis que lhe trazem lembranças agradáveis. Outra parte, porém, vê nessas obras apenas uma obrigação do poder público e minimiza a importância de se ver preservados os queridos “Elefante” e “Cinema”. Isso porque nunca participaram de uma partida de vôlei, basquete ou futebol de salão na quadra que existe no Elefante; também nunca dançaram lá, seja num baile com orquestra da FPV ou numa domingueira do “Pan”... No Cinema, não tiveram a oportunidade de rir com Mazzaropi, de chorar com o “Marcelino”, ou de passar medo ao ver o pescoço torcido de Regan MacNeil...

Pois então... Aqueles a quem chamei de “outra parte” já sujaram todo o corredor frontal e riscaram as paredes recém-pintadas do Elefante Branco. Falta de educação? Falta de exemplo em casa? Sem dúvida... Falta de valores que se perderam em algum momento nas últimas duas ou três décadas enquanto eram privilegiados o avanço da tecnologia e o progresso em detrimento da família e do companheirismo. Falta, também, conhecimento da história de Piquete. Afinal, não se ama aquilo que não se conhece.

Piquete precisa ser conhecida e reconhecida pelos mais jovens! Piquete precisa ser amada por todos! Caso contrário, não há reforma ou progresso capazes de fazer nossa cidade um lugar melhor para ser viver.

Laurentino Gonçalves Dias Jr.



Reforma do Elefante Branco: resgate de parte da cultura da cidade...

Excesso e covardia

Luiz Flávio Rodrigues

Vivemos o excesso. Ponto. Poderia ter parado este texto aqui. As redes sociais são um prato feito para os adoradores do demônio do excesso. Admira-se a superexposição facilitada pelos feicebues, tuíteres, uatizaps e todas as mídias sociais. As pessoas aparentemente perdem a vergonha de escrever. Viram senhores da razão, mestres da verdade e portadores da (i)moral. Fazem tudo sem se dar conta de que erram feio. Erram em público. Erram numa via de mão única. Não há discussão lógica. Não há bom senso. Em geral, quando expostas aos ridículos opinativos de sua ignorância, usam do “dar um block”. Bloqueiam os “adversários” de opinião contrária. É tão estranho quanto bizarro, pois começam com uma “amizade” virtual, mas, na concepção dos blogueiros, tal amizade não permite o debate de ideias.

Uma lida atenta nos posts assusta. Inicialmente pelos erros grosseiros de português. Os intelectualóides de plantão discutem economia, política, história, ciência e tantos outros temas comportando-se como especialistas com doutorado em todas as áreas. Mas mal conseguem formular uma frase sem algum erro de concordância ou grafia. Certamente, trazem consigo o pensamento “que se dane!” (estou sendo educado). A mídia é minha e falo o que bem entender, não é? Culposamente ou dolosamente divulgam mentiras deslavadas sem o menor constrangimento. Obviamente, o alvo principal são as figuras públicas, especialmente políticos e artistas. Mas ninguém é poupado. Expõem ao ridículo pessoas que sequer conhecem e se deliciam ardorosamente com isso. Não são uma categoria específica de pessoas. São homens e mulheres, ricos e pobres, estudados e nem tanto, donas de casa e profissionais de diversas áreas que babam de alegria com a superexposição. Suas e dos outros.

Um casal foi recentemente flagrado ao sair de um motel, pelo marido traído, que foi acompanhado por um “filmador”. Seria bastante o fato trágico de uma traição em uma família. Mas, para os envolvidos não parece ter sido o suficiente. Foi preciso publicar numa rede social. Foi preciso aparecer na TV. A pergunta a se fazer é: quem ganhou com isso? E a resposta é curta (e grossa): Ninguém! Nem mesmo a rede de TV que teve seus pontinhos de audiência aumentados. É um momento de discrição e o transformaram em superexposição. Deve ter havido prazer efêmero em algum deles ao tornar público o fato: o acompanhante que filmava? O próprio traído? Não sei. Mas o fato é fruto de uma cultura devastadora de se superexpor.

Deixei o “face” por receber reações raiosas por minhas opiniões. Ao tentar debater democraticamente, com uso de fatos comprovados, recebia ataques guerrilheiros como retorno. Não há espaço. Aprendi que nesse meio o que vale é a frase que diz que a melhor defesa é o ataque. Ataque covarde. Muitas vezes feito por fakes do “amigo” adversário. Xingar é recorrente quando faltam argumentos. Ainda que isso exponha a irracionalidade, a ignorância e a raiva. Afinal, percebo, isso não importa. Uma pena; triste, pois vence a covardia.

Crônicas Pitorescas

O sono do guerreiro

Palmyro Masiero

Chego em casa pelas sete horas da manhã, pois entrara no serviço às dez da noite do dia anterior. Num prego que só Deus sabe! Nem tento me deitar antes que a criança se levante. Lavam-se, arumam-se, tomam café, brigam por causa de material. Após esse temporal, as bênçãos e o caminho da escola. Meu quarto fica ao lado da sala, bem junto à rua. Dispo-me, horizontalizo-me na cama, dou uma boa espreguiçada e eis-me preparado para puxar aquele ronco! Estou exausto!

Quando consigo chegar àquela transição entre o absoluto do acordado e o indefinido da madorna, na rua passa um motoqueiro de escapamento aberto, que acha de acelerar a bandida bem em frente à minha janela. Maldito é o palavrão que me vem à boca; os do pensamento, presumo...

Novas viradas na cama, arranjos no travesseiro. A boca se abre querendo engolir o mundo... Não! Não! Não! Minhas duas vizinhas que se encontram há anos, meses, dias, horas, minutos e segundos, resolveram bater um papo embaixo da janela do meu quarto! É castigo demais! E a conversa vai e vem... Desgraçadas linguarudas! Vão fazer fofocas em suas estrebarias, suas vacas! É travesseiro que de baixo passa pra cima da cabeça... Não calculo o tempo que dissecaram vidas alheias, mas, por milagre, foram-se...

Dormir... E essas condenadas dessas moscas?! Ensolarado lá fora, penumbra aqui dentro. Se as facínoras estão acordadas, dormiram a noite toda, por que, raios, não vão para o quintal, que deve ter coisa mais do agrado delas do que eu, que afinal de contas, tomei banho ao deixar a fábrica? Mas não! Têm que ficar é passeando em cima de mim. Como se cobrir com um calorão desses?! Biltras! Cobrir, única solução... E segura a boca, senão arrebente de tanto abrir...

Juro que não desejo comprar nada! Por que aquele maldito alto-falante da Kombi não vai anunciar no inferno que aquele abominável supermercado vende mais barato?! Será que o diabo não vende silêncio? Tomara que vá à falência...

Passa motoqueiro, passa ônibus, passa caminhão... Só falta passar boi, passar boiada...

Preciso dormir!

Tocam a campainha. Ninguém atende. Estão todos no fundo para me deixar em paz. PAZ!!! O sininho toca e retoca... Nada... O jeito é me levantar e dar um berro lá pra dentro, que tem gente chamando...

Deito-me novamente e ouço o solista de campainha:

– A distinta não quer comprar uma rede?

– Não! – foi a resposta rápida e fria da empregada.

Rede não adquirida, vendedor partindo,

empregada pra dentro e eu louco para ser amplexado pelo Morfeu. Ah! Que sono!

Novamente a campainha: quer comprar plano do baú?

Oura solada: campanha de ajuda aos pobres!

Mais: é do Ibope. Qual o programa favorito? Que produto usa? Que roupa? Que o quê?

Demônios! Será que ninguém tem o que fazer? Ou, sei lá, todos têm o que fazer em minha casa!

Onze e meia! Quase hora de chegada da leva que foi para a escola no período matinal e de saída da outra do turno da tarde. Esta tormenta é pior: onde está meu sapato? Quem viu minhas meias? Meu livro tava aqui... Quem pegou? Sai ou não sai desse banheiro? Todo mundo tem que tomar banho! Aqui, cada um só pensa em si! Calem a boca, que o pai está dormindo! Quem me ajuda na tarefa? E isso é hora de fazer tarefa? Ontem ninguém ajudou... Você pediu? Mas você estava namorando escondida. Se não me ajudar, eu conto tudo! Nojento! Onde está o caderno?

Por fim sai este magote turbulento e chega o outro não menos italianizado. Bem, meu amigo, não sei a que hora consigo desmaiar. Existe um momento em que tudo some, que o cansaço é maior e vence o mundo... É um preço muito caro trabalhar à noite nos dias atuais...

Quando terminou de lamuriar-se, com justa razão, ele foi apanhar a condução para a fábrica com os olhos totalmente de luz baixa. Fiquei imaginando a falta de consideração dos órgãos governamentais com a classe corujal. Como aumentar produção, aumentar exportação, aumentar a riqueza do país se quem trabalha à noite não consegue dormir de dia?

Claro está que não se pode obrigar a parar o trânsito, pessoas não falarem, fábricas não apitarem, carros não buzinares, campainhas não soarem, propaganda comunicatória transitável de preços baixos somente na boca dos alto-falantes... Enfim, parar o mundo para os que trabalham à noite poderem ter um sono reparador durante o dia, é um absurdo! Mas, quando falei em órgão governamental, quero me referir àqueles que tratam especificamente do bem-estar do trabalhador. Talvez o Ministério do Trabalho seja o mais indicado. Então, que este baixasse um ato para que toda indústria que trabalhe em turno noturno (rimático, mas de lascar...) fosse obrigada a ter um CSTN (sigla é muito importante...). Toda firma nessa condição teria que construir uma Colônia de Silêncio para Trabalhadores Noturnos. Paz, silêncio absoluto e ar condicionado. E ponto final.

Chuvas de verão

Edival da Silva Castro

Quando menino, ficava esperando com ansiedade o verão chegar para poder tomar banho de chuva. Nas tardes calorentas era infalível a chegada delas. Às vezes, vinham com muito vento ou em forma de granizo. Colocava o calção e ia para a rua a fim de esbaldar-me nas suas águas. A enxurrada que descia pela avenida Gen. Gomes Carneiro e as poças d'água que se formavam no largo em frente ao hospitalzinho atraíam outros garotos. Na enxurrada brincávamos de soltar barquinhos, e no largo jogávamos bola, cada um por si. As brincadeiras iam até a chuva passar.

Certa tarde, o tempo estava ameaçador. Faíscas elétricas, nuvens negras e baixas anunciavam a tempestade iminente. Os garotos que brincavam, cada um deles foi dando um jeito de se recolher, e no final sobre apenas eu. Quando começou a tempestade, ouvi a voz de mamãe:

– Menino! Menino! Corra pra dentro que está relampejando muito!

Sozinho no meio da avenida, abri os braços, virei o rosto para o alto, fechei os olhos para melhor sentir a água gelada escorrer pelo meu corpo. Postado como um espantalho no meio da avenida, fiquei embevecido, absorto em meus pensamentos. Uma emoção muito grande tomou conta do meu coração. Achei que minh'alma estava sendo lavada pelas águas torrenciais da chuva.

E mamãe tirou-me do transe, gritando outra vez:

– Menino! Menino! Venha pra dentro!

Que nada! Olhei pela janela e lá estava ela entre as flores do canteiro, preocupada, óbvio, porque os relâmpagos eram seguidos e os trovões, barulhentos.

Finalmente, resolvi entrar. Mamãe me esperava. Passou-me a toalha e falou:

– Agora você vai tomar banho bem quente, senão vai se resfriar.

Foi o que fiz. Ao sair do banheiro minhas roupas estavam arrumadinhas sobre a cama. Não desconfiei de nada. Vesti-as e fui para a cozinha tomar meu café. Lá chegando, ela estava no fogão a lenha mexendo uma das panelas. Quando me viu, largou o que fazia e me disse:

– Menino, você me deixou preocupada.

Ficou um tempão no meio do temporal, sem camisa, tomando aquele aguaceiro todo sob relâmpagos e trovões. Se o seu pai estivesse em casa, você obedeceria na hora. Assim falando, tirou, não sei de onde, um chinelo tipo alpargatas e começou a me bater na bunda.

A cada chinelada, esbravejava:

– Essa é pela desobediência! Essa é porque estava sem camisa! Essa é pelos relâmpagos!

E eu gritava:

– Chega, mamãe! Eu não faço mais isso...

– Que nada! Essa é pelo relâmpago que quase fez parar meu coração.

Chineladas e chineladas! E eu chorava, soluçava e passava a mão no bumbum para ver se parava de arder.

Quando terminou a surra, prometi para mim mesmo nunca mais a desobedecer. O corretivo fora na hora certa; daquele dia em diante a desobediência convertera-se em virtude.

Polícia e democracia

O novo ano começou com uma velha constatação: nossas forças de segurança não são compatíveis com a democracia. O último exemplar desse fato veio da fatídica terça (12/01), na cidade de São Paulo, quando a Polícia Militar reprimiu com violência ilegal o ato contra o aumento da tarifa de transporte na cidade – vale dizer, repressão essa que ocorreu antes mesmo que o ato iniciasse. A ação da Polícia nesse episódio tem menos a ver com “maus policiais” ou com um erro episódico a ser apurado. Trata-se, sim, de um *modus operandi* herdado de tempos ditatoriais que precisa ser reconsiderado.

A Polícia Militar, como a conhecemos, é produto de inúmeras práticas e costumes iniciados durante tempos de escuridão democrática. A política de “Segurança Nacional”, instaurada no regime constituído após o Golpe de 1964, estabeleceu à Polícia uma ideologia de guerra frente aos ditos “inimigos internos”. Durante esse período, o enfrentamento com os grupos armados que se contrapunham à ditadura criou uma Polícia que, ao invés de ir às ruas para assegurar valores ou princípios constitucionais, era

motivada a destruir e aniquilar – como promove uma ideologia de guerra – os inimigos do regime de 64.

Com a redemocratização inaugurada pela Constituição de 88, o Brasil teve reformas institucionais bastante significativas. No entanto, as forças de segurança passaram por poucas ou tímidas transformações. Apesar das revisões em seus manuais de formação policial, a Polícia Militar seguiu atuando, na prática, através da lógica de guerra – dessa vez não mais contra os militantes contrários à ditadura, mas sim frente àqueles que pudessem, em potencial, representar perturbações ao Estado.

Essa lógica de guerra está na raiz dos números associados à polícia brasileira – é a que mais mata e uma das que mais morrem no mundo. Segundo o Anuário Brasileiro de Segurança Pública, de 2009 a 2013, 11.197 mortes foram causadas por policiais e 1.170 dos agentes foram mortos – dados absurdamente altos se comparados com outros países de desenvolvimento similar ao nosso.

Ao olharmos os números, percebemos que não se trata de simplesmente criticar os

agentes da segurança pública – homens e mulheres que procuram, de maneira legítima, uma ocupação e uma renda – mas, sim, de se voltar os olhos a uma lógica institucional da Polícia Militar que tem custado vidas de milhares de civis e militares todos os anos, no Brasil, e que faz com que em São Paulo, por exemplo, 60% da população tenham mais medo do que confiança nas instituições policiais.

Reconhecendo a complexidade da questão, a desmilitarização da Polícia é um primeiro passo essencial – aliás, ação essa que, segundo pesquisa recente, é apoiada por 70% dos policiais militares. Com a garantia de direitos trabalhistas a esses agentes e o fim das humilhações e rebaixamentos morais herdados das casernas militares, os policiais poderiam ser formados segundo os princípios de respeito às liberdades e às garantias constitucionais. O que a população precisa, de fato, é de uma polícia que, balizada em valores humanitários, possa assegurar à população seus princípios constitucionais – sem violência gratuita e abusos.

Rafael Domingues de Lima

Comunidades SMD – Sem Moral Definida

Somos Ocidentais. São dois os conjuntos de regras que orientam a nossa conduta.

O primeiro conjunto brotou na Revolução Francesa. A Queda da Bastilha fez ecoar os ideais de Liberdade, Igualdade e Fraternidade.

Esta é a fonte do conjunto democrático, que pode assim ser resumido:

Todo poder emana do povo;

Todo poder é exercido em nome do povo;

O poder se manifesta pela Lei, todos são iguais perante a Lei, o povo são todos e cada um.

O segundo conjunto dá nome a nossa era. Está contido no Evangelho, a Boa Nova de Jesus Cristo, o filho do Deus Vivo.

“Ubi caritas est, Deus, ibi est”.

“Onde está o amor, aí se encontra Deus”

Saulo de Tarso, que se considerava o menor dos discípulos do Cristo, destacava a essência do amor:

“Ninguém busque o seu interesse, mas o interesse de outrem”.

Resumindo:

O Cristo brotou da Lei de Moisés;

O Cristo veio confirmar e aperfeiçoar a Lei;

O “Amais-vos uns aos outros assim como eu vos amei” se avaliza na Ressurreição.

Aceitando que nós, Ocidentais, nos deslocamos nestes dois caminhos, que significado tem para nós a expressão abaixo da linha da pobreza.

Pobre se opõe a rico. Rico é o que possui uma reserva que transfere para não sei quando a sua preocupação com a sobrevivência. O pobre é o que está atento a cada nascer do sol: “a vida de cada dia, cada dia hei de comprá-la”.

Ser pobre é a marca do ser humano.

Até aqui tudo bem. É o esforço para manter a vida que gera a necessidade de resolver problemas, de decidir nas encruzilhadas. Isto faz o homem crescer. Isto faz o mundo se desenvolver.

Mas a tal linha faz o homem perder a capacidade de lutar, ele perde a dignidade, perde a humanidade.

Já convivi com culturas não letradas e que não usam dinheiro. O sistema de troca exige habilidades que são estranhas a nós. O mesmo se diga do sistema de comunicação.

Em uma comunidade nacional, nenhum cidadão pode estar sem as condições necessárias para atuar com competência.

Se o Brasil é uma comunidade letrada, todos os brasileiros devem ter acesso à escola.

Se a FAO espera que o nosso país se esforce para garantir a alimentação do mun-

do, é ridículo que um brasileiro passe fome.

Se o território nacional tem 8,5 milhões de quilômetros quadrados, não há razão para parte da população viver em condições precárias e, nas estações frias e chuvosas, ser expulsa de sua precariedade em uma reintegração de posse.

Nossa moral é democrática?

O poder é exercido em favor de todos ou de alguns?

Nossa moral é cristã? O outrem de Saulo de Tarso está desabrigoado, está faminto, está nu, está enfermo, está injustamente encarcerado.

Que providências toma o cristão ocidental? Conta moedas, estica as pelancas, tinge os cabelos ou cria músculos falsos com anabolizantes?

Os Ocidentais gostamos de comemorações. Julho é um grande mês – 4 de 1776, Independência dos Estados Unidos da América, 14 de 1789 – França, Queda da Bastilha.

O Cristianismo não é ocidental; foi transplantado. Suas comemorações começam em um Presépio e chegam a a Túmulo Vazio passando por uma Cruz.

A França exorta: “Às armas, cidadãos!”

Para a moral democrática e para a moral cristã só existe uma arma: a Lei.

Estará o Mundo Ocidental desmoralizado?

Abigayl Lea da Silva

Caia aqui!

Ouvi dizer, em minhas idas à Bocaina, que tal Horácio Nicolau, antigo morador de um lugarejo chamado “Areiá”, trazia consigo uma pedra que lhe servia de amuleto. Dizia que tal pedra teria sido trazida por um corisco e cria que ela o protegeria dos relâmpagos. Quando ainda era criança, ficou a observar o local exato em que caíam os raios, quando pôde identificar o local onde um dos relâmpagos havia tocado o solo, correu até lá e marcou com uma estaca de guatambu. Havia aprendido com o avô que os coriscos fincavam suas pedras sete braças no chão. A cada ano a pedra subia uma braça, de modo que após sete anos ela chegava à superfície. Horácio teve paciência até que pôde lançar mão sobre o seu pedaço de calcário vindo do céu. Desde então nunca se separou de sua pedra, a carregava em um patuá preso ao pescoço.

Antes da debandada do povo da roça à cidade, havia muita gente assentada nas grotas, gente que vivia do roçado. Trabalho penoso que só podia ser levado a cabo com mútua ajuda. Era prática os vizinhos

organizarem mutirões de trabalho. Primeir, o no roçado de um, depois, de outro, e assim por diante se ia semeando a terra e colhendo seus frutos ou limpando os campos das daninhas ervas, dentre elas a famosa “Rabo de Burro”, que inviabilizava os pastos para a criação de gado.

Num desses mutirões, quando roçavam um distante e alto campo, formou-se uma forte tempestade. Não houve tempo para descer a um lugar seguro, pois os coriscos riscavam o céu e arreventavam muito perto dos braçais. Uma senhora dada aos benzimentos clamou por São Sebastião: “Meu senhor São Sebastião, nosso santo protetor, rogai a Deus do céu, que da trevuada acalme o rigor”. Horácio Nicolau era homem sem fé e fez caçoada da reza da benzedeira. Pegou seu empenado e ergueu o quanto pôde, balançando de um lado a outro. Ele gritava forte: “Caia aqui!” De repente, um raio cruzou o firmamento e desceu certo sobre a ferramenta de Horácio Nicolau. Foi um arrebenito temeroso, todos foram ao chão. Nunca mais se pôde encontrar o empenado de Horácio, mas ele nada

sofreu. Até hoje, por aquelas bandas, os poucos moradores que lá ainda estão, sobretudo os mais idosos, antigos companheiros de mutirão, discutem e tentam entender o que é que protegeu o lavrador, a pedra que trazia no patuá ou a devota reza da benzedeira, feita minutos antes do ocorrido. Cada qual possui sua versão do fato.

Achei muito interessante encontrar aqui no Vale do Paraíba uma versão de uma antiga crença, muito difundida na Europa já no século XVI. Luiz da Câmara Cascudo faz referência à tradição portuguesa da “pedra de corisco” em seu dicionário do folclore brasileiro. Quando ouvi essa história, julguei ser a reza devota da benzedeira, ouvida e atendida por São Sebastião, a fonte da proteção contra o raio. Por maior segurança, porém, já comecei a observar os coriscos, a fim de tentar encontrar o local exato em que tocam o chão. Quem sabe, após sete anos, eu possa também encontrar uma pedra e trazê-la presa ao pescoço... Afinal, como se diz, seguro morreu de velho...

Pe. Fabrício Beckmann

É sempre Carnaval...

O Carnaval é, sem dúvida, a mais popular das festas brasileiras. É uma das poucas manifestações folclóricas que sobrevivem e conseguem envolver grande público. Sua origem remonta muitos anos antes de Cristo. Era um evento relacionado a acontecimentos religiosos e rituais agrários, na época das grandes colheitas. Desde aquele tempo, as pessoas já pintavam o rosto e se fantasiavam. O Carnaval foi se modificando e se adaptando ao longo dos tempos. Com o advento da era cristã, a Igreja tentou conter os excessos do povo nessa festa pagã. A solução encontrada foi incluir o período momesco ao calendário religioso. Antecedendo a Quaresma, o Carnaval ficou sendo uma festa que termina em penitência, na Quarta-Feira de Cinzas.

No Brasil, o Carnaval chegou com os colonizadores e era conhecido como “en-

trudo”. Foi dessa maneira que chegou até Piquete. Eram mais brincadeiras e trotes, muitas vezes de mau gosto, que as pessoas aplicavam umas nas outras. De maneira irreverente, atiravam sobre os transeuntes água e esguichavam limão de cheiro, groseira e vinho, a partir de bisnagas feitas de cera. Jogavam, também, uns nos outros, trigo, alvaia e pó de café. Mais tarde, surgiram o confete e a serpentina... Fantasias, tornando-se anônimo na brincadeira, fazia parte dos folguedos de Carnaval. Das janelas, assistia-se aos irreverentes foliões, que, de maneira caricata, se travestiam de mulher ou de alguma personalidade da época e eram seguidos por um barulhento grupo de moleques...

Com a Fábrica, vieram operários de diferentes lugares do país e influenciaram o nosso Carnaval. Surge o “Boi de Carnaval”,

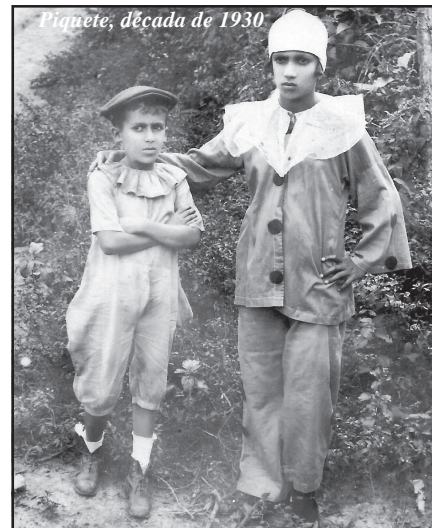
ainda hoje presente nas ruas. Surge, também, o primeiro “Rancho” desfilando pelas ruas da cidade. O Carnaval chegou aos clubes e passou a ser brincado por toda a população. Bailes imemoriais aconteceram no Grêmio General Carneiro, no Elefante Branco, no Clube dos Ex-Alunos, na Associação Comercial, no Cassino da FPV e, mais tarde, no Montanhês. Nos clubes, toda a família se divertia. Havia as matinês, quando as crianças também podiam se fantasiar e brincar... Hoje, sem os clubes, o Carnaval se reinventa, retornando a sua origem – as ruas. Muito animada, a Praça Duque de Caxias todos os anos fica lotada de foliões que se divertem ao som de uma banda, um “rancho” ou um pequeno grupo de músicos. O que vale, na verdade, nos três dias de folia, é a brincadeira.



Piquete, década de 1960



Piquete, década de 1980



Piquete, década de 1930